

Uma leitura social da condição feminina no conto “Miss Algrave” de Clarice Lispector

*A social reading of the female condition in the short story “Miss Algrave”
by Clarice Lispector*

Maria Luiza Nantes Coelho e Souza¹

Neurivaldo Campos Pedroso Júnior²

Resumo

Neste trabalho, analisaremos o conto “Miss Algrave”, de Clarice Lispector, inserido na coletânea *A via crucis do corpo* (1974), publicada sob encomenda do editor Álvaro Pacheco da editora Artenova. A obra difere das produções anteriores de Clarice que se lança a uma linguagem direta para discutir sexualidade feminina dentro de uma sociedade delineada por dogmas cristãos. Assim sendo, teremos como objetivo de nossos estudos, identificar elementos históricos e sociais que dialoguem com forma e conteúdo narrativos, respaldando nossas análises na crítica materialista que compreende a arte em sua relação com as transformações históricas e econômicas da sociedade. Para tanto, contaremos com teóricos como Antonio Candido (2006), Maria Elisa Cevasco (2013) e Terry Eagleton (1976).

Palavras-chave: Clarice Lispector; literatura de autoria feminina; sexualidade feminina; estudos materialistas.

Abstract

In this work, we will analyze the short story “Miss Algrave”, by Clarice Lispector, inserted in the collection *A via crucis do corpo* (1974), published under the order of the editor Álvaro Pacheco of the publisher Artenova. The work differs from Clarice's previous productions, which uses a direct language to discuss female sexuality within a society delineated by Christian dogmas. Therefore, the objective of our studies will be to identify historical and social elements that dialogue with narrative form and content, supporting our analysis in the materialist critique that understands art in its relationship with the historical and economic transformations of society. For that, we will have theorists like Antonio Candido (2006), Maria Elisa Cevasco (2013) and Terry Eagleton (1976).

Keywords: Clarice Lispector; female authored literature; female sexuality; materialistic studies.

1. Introdução

Publicada em 1974, *A via crucis do corpo* (1998) foi encomendada pelo editor Álvaro Pacheco, da editora Artenova, como nos conta a própria Clarice Lispector no prefácio da obra denominado “Explicação” (LISPECTOR, 1998, p. 11). O livro é resultado de um projeto de escrita singular às publicações anteriores da autora até então conhecida pela sua escrita de caráter filosófico-existencial por contar com narrativas que têm como figura central o corpo feminino.

¹ Mestranda em Letras; Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

² Doutor em Letras; Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS; Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Por meio de uma linguagem direta, *A via crucis do corpo* surge falando sobre o sexo, a velhice, o corpo e suas necessidades. Dadas as barreiras institucionais que ainda impediam o pleno acesso das mulheres aos campos de produção cultural, Clarice não somente denuncia essas limitações culturais e sociais impostas à mulher, como também coloca em primeiro plano a experiência feminina, o que é ter um corpo feminino dentro da sociedade moderna, apontando uma emancipação política na medida em que desconstruía o moralismo vigente no início dos anos 1970.

Dentre as narrativas que compõem *A via crucis do corpo*, selecionamos, para desenvolvimento analítico do presente trabalho, o conto "Miss Algrave", primeiro dos treze contos, depois do texto intitulado "Explicação", que já indica a tônica da obra: o exagero, a comicidade e a crueza da linguagem para tratar de sexualidade.

"Miss Algrave" apontará, também, para uma outra questão central na obra: a "prostituição" de Clarice como autora ao escrever por encomenda se rendendo às exigências do mercado editorial. A esse respeito, somos levados ao biógrafo Benjamin Moser, que afirmará: "Em *Via crucis* ela vincula explicitamente narração de histórias e prostituição." (MOSER, 2009, p. 502). Nesse jogo intertextual, Clarice não apenas estabelece o contraponto entre o sagrado e o profano, mas simula uma escrita realista para revelar ou descortinar, estrategicamente, os bastidores das produções literárias e as amarras do cânone ocidental que predetermina aquilo que é chamado de boa e má literatura.

O conto "Miss Algrave" tem como protagonista Ruth, uma solitária e puritana datilógrafa que passara a vida reprimindo seus desejos sexuais. Quando criança, tivera algumas experiências com seu primo Jack e, apesar da curiosidade natural do processo de desenvolvimento da sexualidade de qualquer criança, as brincadeiras infantis na cama da avó desencadearam, na personagem principal, um permanente sentimento de culpa, provocado pelo embate entre o desejo sexual e a educação religiosa que recebera, carregada do moralismo herdado da Era Vitoriana pela Inglaterra século XX – contexto histórico-social em que se passa a narrativa.

Dessa forma, o controle e repressão sobre o corpo feminino já se evidencia no poder da família tradicional como mediadora das estruturas sociais. Por meio da educação alienante e limitadora, passada de geração em geração, que subtrai do indivíduo a capacidade crítica e lhe induz a uma conduta obediente, de modo que não quebre padrões comportamentais ou desestabilize as organizações hierárquicas de sua comunidade, os valores patriarcais facilmente foram introjetados no pensamento e comportamento feminino durante a história.

No presente trabalho, teremos como objetivo compreender os fatores históricos que determinaram as relações sociais que condicionaram e subjugarão a mulher durante a história. Para tanto, recorreremos à crítica cultural materialista que se baseia nas premissas de Karl Marx (1818-1883) de que toda e qualquer relação humana está condicionada às condições de produção material de uma sociedade e de que toda obra de arte reproduz em sua forma os conflitos sociais do contexto histórico em que é produzida. Terry Eagleton (1943-), uma das forças motrizes da grande tradição britânica de crítica cultural materialista, assim afirma em *Marxismo e Crítica Literária* (1976):

As obras literárias não são fruto de uma inspiração misteriosa nem são explicáveis simplesmente em função da psicologia dos seus autores. São formas de percepção, maneiras determinadas de ver o mundo, e como tal têm relações com a forma dominante de ver o mundo, que é a mentalidade social ou ideologia de uma época. Essa ideologia é, por sua vez, produto das relações sociais concretas que os homens

estabelecem entre si num tempo e lugar determinados; é o modo como essas relações de classe são sentidas, legitimadas e perpetuadas. (EAGLETON, 1976, p. 18).

Sendo assim, compreendemos que para acompanhar o percurso de personagens como Ruth é necessário reconhecer elementos históricos – tais como a formação da identidade feminina elaborada nos moldes dos complexos aparelhos de controle – minorados ou ignorados pela história oficial e pelo cânone, produzidos a partir de uma perspectiva patriarcal.

2. Metodologia

Esse trabalho se fundamentou nos preceitos da crítica cultural materialista, enfocando nomes como Antonio Candido, Maria Elisa Cevasco, Terry Eagleton e Fredric Jameson. A crítica cultural materialista tem as produções artísticas como produto das relações sócio-históricas ou econômicas de uma sociedade. Por meio de procedimentos que levam em consideração como o conteúdo concretiza as contradições sociais de um determinado tempo histórico na estética textual. Tomando como base esses preceitos, compreendemos que o conto “Miss Algrave” é uma representação das consequências do percurso histórico da condição feminina dentro das sociedades patriarcais constituídas a partir dos arquétipos da doutrina cristã utilizados pelos aparelhos ideológicos como dispositivos de controle dos corpos a fim de torná-los economicamente úteis. Sendo assim, acreditamos que a escrita de autoria feminina é uma força viva que testemunha a ação das estruturas econômicas que cerceiam a conduta social, ética e moral das mulheres.

3. Resultados

A crítica cultural materialista tem as produções artísticas como produto das relações sócio-históricas ou econômicas de uma sociedade. Por meio de procedimentos que levam em consideração como o conteúdo concretiza as contradições sociais de um determinado tempo histórico na estética textual. Tomando como base esses preceitos, compreendemos que o conto “Miss Algrave” é uma representação das consequências do percurso histórico da condição feminina dentro das sociedades patriarcais constituídas a partir dos arquétipos da doutrina cristã utilizados pelos aparelhos ideológicos como dispositivos de controle dos corpos a fim de torná-los economicamente úteis. Sendo assim, a escrita de autoria feminina é uma força viva que testemunha a ação das estruturas econômicas que cerceiam a conduta social, ética e moral das mulheres.

Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CEVASCO, M. E. (2013). O diferencial da crítica materialista. In: *Idéias*, 4(2), 15-30. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/ideias.v4i2.8649378>. Acesso em: 25 jul. 2019.

- CISNE, Mirla. *Feminismo e consciência de classe no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2015.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, Cultura e Política*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.
- EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. Porto: Afrontamento, 1976.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Trad. Leandro Konder. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- JAMESON, Fredric. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. Trad. Valter L. Siqueira. São Paulo: Ática, 1992.
- LISPECTOR, Clarice. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MARX, Karl. *A ideologia alemã*. 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 1993.
- _____. *Contribuição à crítica da economia política*. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MOSER, Benjamin. *Clarice*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 20019.
- MURARO, Rose. *A Sexualidade da Mulher Brasileira: corpo e classe social no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1983.
- _____. Breve introdução histórica. In: KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feitiçeras: Malleus Maleficarum*. Trad. Paulo Fróes. – 20ª ed. – Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2009.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.